

Incubação de empreendimentos econômicos solidários e a cultura da solidariedade: experiências de autogestão na Amfruvale¹**Incubation of solidary economic enterprises and the culture of solidarity: experiences of self-management in Amfruvale**

DOI:10.34117/bjdv6n7-054

Recebimento dos originais: 03/06/2020

Aceitação para publicação: 02/07/2020

Sandro Benedito Sguarezi

Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT

e-mail: sandrosguarezi@gmail.com

Márcia Regina Ferreira

Universidade Federal do Paraná – UFPR

e-mail: marciareginaufpr@hotmail.com

Raoni Fernandes Azerêdo

Universidade Federal do Oeste do Pará - Campus Alenquer

e-mail: raoniazeredo@gmail.com

Elariana C. Pedroso Gonçalves Barros

Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT

e-mail: elariana_cpqb@hotmail.com

Krys Ellem Honório Cardoso

Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT

e-mail: krysellemtga@hotmail.com

Sonia Aparecida Beato Ximenes de Melo

Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT

e-mail: msc.soniaximenes@gmail.com

Anderson Gheller Froehlich

Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT

e-mail: andergf@gmail.com

Cleci Grzebieluckas

Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT

e-mail: cleci@unemat.br

RESUMO

O artigo apresenta uma experiência de autogestão na Associação de Mulheres Rurais Frutos de Vale (AMFRUVALE) e sua interação com a Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) através

¹ Texto publicado originalmente com o título: Experiências de autogestão na Amfruvale. In: SEMIEDU: Cuiabá 300 anos: Debates sobre Educação, Pesquisa e Inovação, 2019, Cuiabá/MT, 2019. v. 27. p. 5226- 5244. De 23 e 25 de setembro de 2019. Anais Eletrônicos – ISBN 2447-8776. Disponível em: <https://www.ufmt.br/ingresso/images/upload/publicacoes/ANAIS_SEMIEDU_2019.pdf>.

do Programa de Extensão da Incubadora de Organizações Coletivas Autogeridas, Solidárias e Sustentáveis (IOCASS). O trabalho procura examinar as relações entre Universidade e Comunidade com o objetivo de evidenciar as possibilidades do desenvolvimento da cultura da solidariedade por meio da prática da autogestão. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, pautada na pesquisa-ação, em fase de desenvolvimento, por isso, um processo inacabado. A princípio utilizou-se referencial teórico acerca do desenvolvimento da cultura e da autogestão, com o intuito de subsidiar a análise referente a experiência prática de seu uso pela AMFRUVALE. Tudo isso entrelaçado com o suporte ofertado pela incubadora da UNEMAT para que a associação consolide novas práticas levando em consideração suas necessidades, a cultura, o ambiente local e potencialidades. O apoio que a Universidade oferece via processo de Incubação de Empreendimentos Econômicos Solidários (EES) faz com que tanto as associações e cooperativas, quanto a própria UNEMAT se fortaleçam em favor do bem comum, a resistência em relação a padrões hegemônicos de relacionamento, aprendizagem, assessoramento, produção, comercialização e sustentabilidade tanto econômica quanto educacional e social que buscam o desenvolvimento local por meio do fomento de uma cultura de solidariedade. Os resultados mostram ainda que as Mulheres, sócias da AMFRUVALE se apropriaram de conhecimentos que fortalecem essa cultura da solidariedade.

Palavras-chave: Cultura de Solidariedade, Economia Solidária. Autogestão; Comercialização em EES.

ABSTRACT

This work paper presents a self-management experience in the Association of Rural Women *Frutos de Vale* (AMFRUVALE) and its interaction with the State University of Mato Grosso (UNEMAT) through the Extension Program of the Incubator of Self-managed, Solidary and Sustainable Collective Organizations (IOCASS). The work seeks to examine the relations between the University and the Community in order to highlight the possibilities of developing a culture of solidarity through the practice of self-management. It is a qualitative research, based on action research, in the development phase, therefore, an unfinished process. At first, a theoretical framework was used about the development of culture and self-management, in order to support the analysis regarding the practical experience of its use by AMFRUVALE. All of this intertwined with the support offered by the UNEMAT incubator for the association to consolidate new practices taking into account its needs, culture, local environment and potential. The support that the University offers via the Incubation of Solidary Economic Enterprises (SEE) process makes both associations and cooperatives, as well as UNEMAT itself, strengthen in favor of the common good, the resistance in relation to hegemonic patterns of relationship, learning, advice, production, marketing and sustainability, both economic, educational and social, which seek local development through the promotion of a culture of solidarity. The results also show that Women, members of AMFRUVALE have appropriated knowledge that strengthens this culture of solidarity.

Keywords: Culture of Solidarity, Solidarity Economy. Self-management; Marketing in SEE.

1 INTRODUÇÃO

O modelo econômico predominante cultua uma mentalidade pautada na lógica da acumulação excessiva de bens e busca por enriquecimento individual tem desenvolvido muitas patologias sociais. Diante disso, surge novas formas de se pensar a economia e as relações entre as pessoas. Neste ponto, as práticas desenvolvidas nas universidades, podem tanto, fomentar o desenvolvimento das patologias sociais como: desemprego, a exclusão social, o individualismo, a desigualdade social,

como o desenvolvimento com compromisso ético de solidariedade sincrônica com a situação presente e a diacrônica com as gerações futuras, ou seja, as universidades por meio de suas práticas de ensino, pesquisa e extensão, podem tanto, fomentar estilos de desenvolvimento ou mau desenvolvimento.

Para Sachs (2005) o mau desenvolvimento está focado no crescimento econômico e gera impactos sociais e ambientais negativos, já o desenvolvimento tem como objetivo central a preocupação com a vida humana, considerando a importância do exercício democrático, as potencialidades do seu meio, o conhecimento e o estudo para ações endógenas, a prática da autogestão, envolvendo a autonomia do processo decisório coletivo e os diálogos necessários nesse processo emancipatório. Dentro deste contexto de desenvolvimento, encontra-se as discussões de Boisier (1996, 2001, 2003 e 2009), onde aborda que o desenvolvimento regional consiste em um processo de troca estrutural localizada, que se associa a um permanente processo de progresso da própria região, da comunidade que habita nela e de cada indivíduo membro dessa comunidade e habitante desse território. Assim, compreende-se que é a combinação de três dimensões: espacial, social e individual. Onde a espacialidade é a região (território), o social compreendemos os recursos intangíveis endógenos e o conhecimento popular implícito em suas práticas, as interações com a universidade e os fundos de investimentos necessários para esse desenvolvimento. Para o autor, desenvolvimento implica na existência, na articulação e das condições de manejo desses elementos (atores, Instituição, cultura, procedimentos, recursos e entorno) em uma abordagem sistêmica que gera inovação social.

Este artigo apresenta a autogestão como alternativa a lógica de vida social, política, educacional e econômica do capital, principalmente em relação ao modo de produção e comercialização de produtos oriundos da agricultura, onde essas novas práticas fomentam a cultura da solidariedade.

O trabalho procura examinar as relações entre Universidade e Comunidade com o objetivo de evidenciar as possibilidades do desenvolvimento da cultura da solidariedade por meio da prática da autogestão. Para tanto, o presente artigo, aborda o conceito e contexto dessa forma de gestão e suas implicações no fomento da cultura da solidariedade, onde discute-se a Autogestão como alternativa a lógica hegemônica do capital e seus desdobramentos pelo exercício democrático, assim como, no desenvolvimento da cultura da solidariedade. Como metodologia dessa pesquisa qualitativa, pautou-se na pesquisa-ação (THIOLLENT, 2005), como forma coleta de dados, ação, dialogicidade no processo de pesquisa (FERREIRA et al, 2012), na construção desses conhecimentos no período de 2015 a 2020.

Na segunda seção são apresentadas as atividades desenvolvidas na UNEMAT Campus Eugênio Carlos Stiler-Tangará da Serra/MT, por meio do Núcleo de Pesquisa, Extensão e Estudos da Complexidade do Mundo do Trabalho (NECOMT), e do Programa de Extensão da Incubadora de

Organizações Coletivas Autogeridas, Solidárias e Sustentáveis (IOCASS), formados por pesquisadores da graduação e pós-graduação, os quais atuam no processo de incubação dos Empreendimentos Econômicos Solidários (EES). Citando algumas ações realizadas, destaca-se, a Feira de Cooperativismo, Economia Solidária e Agroecologia de Tangará da Serra/MT, que faz parte de uma das práticas desenvolvidas pela IOCASS, por meio do NECOMT, onde os EES são incubados, expõe e comercializam seus produtos de forma que se tornem sujeitos atuantes no desenvolvimento econômico local, melhorando sua qualidade de vida, e atendendo às necessidades sociais.

Na sequência, aborda-se a experiência de autogestão da AMFRUVALE, buscando evidenciar a forma alternativa de gestão utilizada pelas suas associadas fomentam a cultura da solidariedade e sua importância para o desenvolvimento local. Como considerações finais, a discute-se a interação entre Universidade e Comunidade por meios das atividades realizadas pela UNEMAT, destacando a experiência de autogestão da AMFRUVARE, abordando que o desenvolvimento permeado com a cultura da solidariedade é possível. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, que se encontra em desenvolvimento.

2 A AUTOGESTÃO COMO ALTERNATIVA A LÓGICA HEGEMÔNICA DO CAPITAL: DESENVOLVIMENTO E A CULTURA DA SOLIDARIEDADE

Nem todas as pessoas contentam-se ou conseguem (sobre) viver do mesmo modo, isto é, incluir-se e sentir-se bem, dentro das normas sociais, políticas, educacionais e econômicas estipuladas pelo capitalismo. Alguns desejam viver de modo diferente e equilibrado, seja em relação às outras pessoas ou ao meio ambiente. Ao passo que esse desejo se torna necessidade de um coletivo, surge a oportunidade de criar uma outra lógica de vida, mais humana e sustentável, o que exige planejamento diferenciado, podendo surgir a autogestão que “é [...] um movimento que se autoconstrói de baixo para cima, é um movimento popular de base que agrupa a diversidade e parceiros de resistência” (SGUAREZI, 2013, p. 06).

É por isso que a autogestão vem ganhando cada vez mais espaço e adesão de diversos grupos sociais que buscam modos democráticos de organização, tomadas decisões e agir, para que suas próprias necessidades sejam mais consideradas do que os interesses que o capital e a classe hegemônica determinam para toda a sociedade. Encontrar uma forma alternativa para construir relações laborais, sociais, educativas e políticas apresenta-se como uma tentativa de fazer com que os paradigmas dominantes reduzam força, e mais, é um contraponto às lógicas e valores invertidos do lucro a qualquer custo.

A autogestão tem como mérito principal não a eficiência econômica (necessária em si), mas o desenvolvimento humano que proporciona aos praticantes. Participar das discussões e decisões do coletivo, ao qual está associado, educa e conscientiza, tornando a pessoa mais realizada, autoconfiante e segura. É para isso que vale a pena se empenhar na economia solidária (SINGER, 2002, p. 21).

Cabe evidenciar que a autogestão não é uma técnica de gerenciamento informal. Mesmo sendo idealizada por um determinado grupo de pessoas e sendo direcionado para o mesmo, são utilizadas ferramentas e estratégias da gestão tradicional. O desejo popular por transformar o mundo, a começar pelo microambiente, amplia o campo dos conhecimentos formais e faz uso também dos conhecimentos oriundos de espaços informais do saber, pois nem tudo que é necessário conhecer cabe nos bancos das escolas ou das universidades.

Dessa forma, a autogestão permite ser utilizada em espaços formais ou informais, e pode ser compreendida como “projeto de organização democrática que privilegia a democracia direta” (MOTHÉ, 2009, p. 26). Seja no âmbito associativo ou cooperativo, onde os trabalhadores tanto executam seus afazeres como também participam das decisões de cunho administrativo, seja no espaço rural, aonde produtores plantam e processam alimentos para o comércio, ou na cidade, em que artesãos se sustentam das várias artes aprendidas e confeccionadas coletivamente, ou em qualquer outro ambiente onde seja desejada, visto que:

A autogestão parte de uma ambição antropológica, especulando sobre as potencialidades infinitas abertas ao imaginário humano de cidadãos livres do jugo da ideologia dominante. Ela abre o caminho para uma ideia de progresso diferente daquele da produção ilimitada das riquezas: o progresso ilimitado de uma democracia criadora (IDEM, 2009, p. 28).

Nesse sentido, já é possível evidenciar que o centro das atenções de uma organização que gere a si própria são os seres humanos que a compõe, cujas relações interpessoais traduzem o entrosamento e respeito mútuo aos pares. Inexiste uma rígida estrutura hierárquica, todos têm possibilidade de falar, sugerir e decidir, assim como, ouvir, acatar e fazer quando necessário, pois é a coletividade que se auto organiza do modo como define ser o mais adequado.

Por isso, a autogestão engloba processos formativos de cunho educacional, pois sendo a educação um direito de todos os cidadãos, e um dos requisitos para que estes tenham acesso aos bens e serviços disponíveis e constituídos em uma sociedade democrática, como corrobora Gadotti (2005), mostra-se essencial imbuir a cada componente do grupo das condições mínimas para que consiga participar ativamente de seus deveres, enquanto membro de uma organização autogestionada.

O desejo de mudança que atrai adeptos para a autogestão baseia-se no entendimento de que toda ação humana possui intencionalidade. Dessa forma, se um outro mundo, mais qualitativo do que

quantitativo é almejado, este deve ser construído com base naquilo que o próprio sujeito considera melhor para si e para os seus semelhantes.

É claro que não é fácil desatar as amarras que aprisionam o pensamento e o agir do homem desde seu nascimento, pois é perceptível que tudo o que permeia as relações sociais em todos os âmbitos, enfim, tudo que está ao redor do povo, está também condicionado a um jogo de poder e interesses. É como se os ambientes formatassem as pessoas para comportar-se de forma engessada, porém, Mothé (2009, p. 28), argumenta que “cidadãos livres tem infinitas possibilidades para transformar sua realidade. A autogestão talvez seja a representação dessa liberdade”.

Nesse sentido, a autogestão oportuniza a auto-organização, que é uma forma como o coletivo decide organizar a si próprio, considerando aquilo que é bom e viável para todos igualmente, sem interferência externa de um sistema impositivo. E coletivo nesse sentido, é entendido como “uma concepção integral e não simples total referida a suas partes, o coletivo apresenta propriedades que não são inerentes ao indivíduo. A quantidade se transforma em qualidade” (PISTRAK, 2002, p. 177).

Portanto, mesmo partindo do interesse e necessidade das minorias que na verdade são majorias, se for visto pelo número de pessoas, é que a autogestão vem conquistando espaço e adeptos, principalmente por causa dos movimentos sociais populares, cujo interesse é fazer frente de resistência quanto a problemáticas diversas. A população unida pode mais do que imagina, e organizada de modo auto gestor tende a mostrar que a ação conjunta é mais eficaz que a fragmentação imposta pela elite dominante a massa trabalhadora. E ainda, permite que cada um determine seu próprio caminho, tendo em vista o bem-estar social das pessoas de modo geral, e não apenas de uma parte que ordena para que a outra execute, como se a liberdade fosse para apenas alguns.

Em relação ao mau desenvolvimento e desenvolvimento abordado por Sachs(2005), no Brasil e no mundo temos um mau desenvolvimento, de acordo com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (2014), cerca de 1,5 milhões de trabalhadores exercem atividades em condições subumanas, mais de 2,2 milhões de pessoas vivem em situação de miséria extrema e cerca de 842 milhões de indivíduos padecem de fome crônica, enquanto grande parte das riquezas das nações concentra-se nas mãos de minorias. Sampaio (2010) defende a tese de que dentro da lógica da economia de mercado vigente (mau desenvolvimento), a desigualdade social é justificada pelo esforço de alguns e pela falta de vontade de outros onde há um fundamentalismo de mercado.

O modelo econômico predominante fomentou todas essas patologias sociais, fato este que levou muitos grupos a questionarem o que estão fazendo diante desta situação? É diante dessa perplexidade que muitas universidades iniciam ações de fomento a cultura da solidariedade, por meio de novas práticas. A academia busca fomentar uma autogestão que não seja uma ideologia do

neoliberalismo, mas sim uma proposta humanista e emancipatória. Pois, segundo Gomez (2013) com o passar dos anos, a autogestão tornou-se expressão de disputa entre discursos e correntes diversos, onde os seus significados são definidos com base na posição social, político, ideológico, daqueles que defendem uma ou outra posição, desta forma, autogestão pode ser usada tanto por um viés neoliberal como por um viés humanista.

Segundo Faria (2005) quando se pensa em autogestão, é importante observar se na organização coletiva do trabalho, encontrasse dois elementos fundamentais: 1) o interesse comum; 2) a solidariedade. Segundo este autor, quando a questão da ruptura com a ordem instituída aparece na ordem do dia, a separação entre dirigentes e dirigidos é eliminada, suprimindo-se ao mesmo tempo os intermediários políticos. Dentro deste contexto, ocorre o fortalecimento da identidade coletiva, o qual faz com que seus membros, reunidos nos organismos coletivos, identifiquem-se pelos interesses comuns e pela solidariedade recíproca, rompendo com o individualismo e a hierarquia da proposta neoliberal em curso. A criação espontânea substitui a subordinação passiva, onde é possível identificar novas práticas e uma transformação social, novos conhecimentos, crenças, moral e costumes geram uma nova cultura entre os membros de uma determinada coletividade. A prática da autogestão potencializa o desenvolvimento da cultura da solidariedade, a qual, como atividade criadora e social, domestica o mau desenvolvimento brasileiro.

Essa abordagem humanista da autogestão, considera a faculdade linguística e de sonho dos membros de uma determinada coletividade, onde o exercício democrático, fomenta a solidariedade e o rompimento do individualismo dentro do capitalismo. A lógica hegemônica do capital está construída para o esgarçamento do tecido social, onde a esfera privada se sobrepõe. Reis (1995), recorrendo ao conceito de "familismo amoral" de Banfield (como um *ethos* que delimita os sentimentos de pertencimento e solidariedade ao âmbito exclusivo da família) mostra as dificuldades da solidariedade e integração social em contextos de extrema desigualdade, como no Brasil. No entanto, a cultura da solidariedade, ou seja, sentimentos de pertencimento e vivência comunitária serão fundamentais como práticas anti hegemônicas. O olhar atento acerca da interação dos integrantes de uma associação (AMFRUVARE,) e sua relação com a Universidade, em uma perspectiva *micro*, podem apontar os processos da realização do projeto de vida e de sociedade que estamos construindo, assim como, essas práticas também manifestam o comportamento do *entorno* que se vive. São as ações entre os seres que definem o tipo de cultura que enquanto sociedade estamos construindo.

A UNEMAT comprometida com a função social de formar cidadãos críticos, esclarecidos e solidários contribui e assessora empreendimentos autogestionários voltados a Economia Solidária (ES). Embora a Economia Solidária seja um conceito ainda em construção (SINGER, 2005), pois é

orgânica e desenvolve-se por meio de uma proposta coletiva e em movimento, no Brasil ela vem se constituindo com iniciativas que articulam ações coletivas com finalidade social e política, em prol da solidariedade e com formas distintas de organização. Vemos as cooperativas como um desenho possível, os Clubes de trocas, o Comércio justo, as finanças solidárias como os microcréditos, a economia sem dinheiro (como algumas organizações que apenas trocam serviços sem moedas nas operações). Ou seja, onde há processos de cooperação, de cultura de solidariedade e associativismo, nas práticas da Economia Solidária. Algumas dessas ações estão formalizadas institucionalmente, e destacamos a seguir.

3 PROGRAMA/PROJETO/NECOMT/IOCASS: UNEMAT E COMUNIDADES COLETIVAS DE TANGARA DA SERRA-MT

O NECOMT foi criado em 2003 e participa ativamente do desenvolvimento da Economia Solidária (ES) com projetos de pesquisa e extensão na área urbana e rural. Por meio de seus dois Grupos de Pesquisa: Gestão Agricultura Familiar e Agroecologia-GAFA (certificado junto ao CNPq em 2003) e Desenvolvimento Regional Sustentável e as Transformações no Mundo Trabalho – GDRS (certificado junto ao CNPq em 2006), vem contribuindo sistematicamente com a construção de políticas públicas no campo da ES.

O NECOMT desenvolve processos de incubação de EES desde 2004. Porém o Programa IOCASS, de acordo com SQUIREZI (2016), foi criado apenas em 2011.

Todo esse histórico propiciou que, em 2011, o NECOMT, através de grupos de trabalho (GT's), pudesse criar o programa de extensão que dá institucionalidade para Incubadora de Organizações Coletivas e Solidárias e Sustentáveis (IOCASS). O objetivo geral da IOCASS é incubar, assessorar e apoiar organizações ou grupos produtivos que atuam no coletivo de forma solidária, autogestionária, sustentável, em rede, desenvolvendo tecnologias sociais que possam ser aplicadas e replicadas na ótica da economia solidária, que possa contribuir com a organização do trabalho coletivo, visando a autonomia dos empreendimentos e a emancipação dos trabalhadores. (SQUIREZI, S. B. LIMA, E. R. de SQUIREZI, T. T. 2016, p. 39).

Caracteriza-se por ser um programa permanente de ações junto ao mundo do trabalho, que tem interface entre a pesquisa e a extensão e envolve o ensino. Tem atuado fortemente em ação interdepartamental com forte atuação na Extensão Universitária como dimensão relevante do compromisso social da Universidade interligando os vários projetos políticos pedagógicos dos cursos ao projeto político-institucional da UNEMAT, enquanto Universidade do interior para o interior.

O Objetivo desse projeto/programa é analisar e avaliar epistemologicamente políticas públicas, metodologias de incubação e processos educativos desenvolvidos junto aos Empreendimentos

Econômicos Solidários (EES) na Bacia do Território do Alto Paraguai/MT, desenvolvendo ações de incubar, assessorar, orientar e apoiar organizações ou grupos produtivos que atuam no coletivo de forma solidária, autogestionária e sustentável.

Prioriza ações em rede e desenvolvimento de tecnologias sociais que possam ser reaplicadas na ótica da economia solidária e do cooperativismo, contribuindo com organização do trabalho associado e a inclusão socioprodutiva visando a autonomia e a emancipação dos trabalhadores de baixa renda. Assim, consolida o tripé da relação ensino, pesquisa e extensão o programa se propõe fazer com que professores e estudantes ultrapassem os muros da Universidade e dialoguem com a sociedade e os Movimentos Sociais.

O Programa IOCASS incuba, assessora e apoia organizações coletivas e grupos produtivos que atuam dentro dos princípios da Economia Solidária e da Autogestão. Em 2019 a IOCASS atuava diretamente junto a 07 (sete) EES, promovendo a inclusão socioprodutiva de 299 trabalhadores, sendo 78 homens e 221 mulheres, conforme Quadro 1.

Quadro 1 – Número de sócios dos EES incubados pela IOCASS

EES	Nº Sócios	Gênero		Produtos
		Mas.	Fem.	
Associação de Mulheres Rurais Frutos do Vale – AMFRUVALE	18	02	16	Doces, compotas e conservas
Associação de Artesãos de Progresso (ASSOARTE)	25	02	23	Panificação; polpas de frutas; Artesanato em argila e tecidos
Cooperativa de Produção de Material Reciclável de Tangará da Serra (COOPERTAN)	48	18	30	Coleta seletiva em 100% do município; Reciclagem; Comercialização
Feira de Cooperativismo, Economia Solidária e Agroecologia no <i>Campus</i> Universitário de Tangará da Serra	65	09	56	Comercialização em rede, feiras e vendas diretas. Produtos da agricultura familiar, doces, artesanatos
Associação de Artesãos de Tangará (ARTETAN)	12	02	10	Artesanato em geral
Associação de Artesões de MANDALA VIVA	10	03	07	Artesanato em geral
Rede Autogestionária de Cooperativas e Associações de Catadores de Resíduos Sólidos do Estado de Mato Grosso (REDE CATAMATO)	121	42	79	Coleta seletiva porta a porta Coleta seletiva junto a grandes geradores Reciclagem; Comercialização em rede
Total	299	78	221	

Fonte: Incubadora IOCASS, 2019.

Por meio da interlocução entre a IOCASS, o NECOMT, o GDRS e GAFA a UNEMAT se tornou referência na produção e disseminação de tecnologia social, inovação social e inclusão socioprodutiva contribuindo para que a sociedade brasileira alcance os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS). O Programa IOCASS conta com 11 professores, dos cursos de administração, agronomia, engenharia civil, ciências contábeis, letras, jornalismo, ciências biológicas e enfermagem que atuam diretamente na incubadora, bem como 02 estagiários remunerados e 03 estagiários voluntários. Além disso, abriga pesquisas de estudantes da graduação com três TCCs em andamento e 05 pesquisas de pós-graduação *stricto sensu*, sendo duas teses, três dissertações. A UNEMAT/NECOMT/IOCASS e seus grupos de pesquisa, também atuam fortemente no assessoramento à criação, implementação, avaliação e melhoria de políticas públicas de inclusão socioprodutiva.

Também se destaca por processos de formação em educação popular, economia solidária, cooperativismo de autogestão e na elaboração de projetos para buscar recursos para esses empreendimentos. Participa dos seguintes espaços de diálogo: Comissão Gestora Nacional-CGN do Sistema do Comércio Susto Solidário-SCJS; Conselho Estadual de Economia Solidária; Fórum Municipal de Economia Solidária; Fórum Mato-grossense de Economia Solidária; Fórum Mato-grossense de Lixo e Cidadania (FML&C); participa da Comissão Gestora do Projeto Pró-Catador-MT.

O programa desenvolve projetos de extensão que realiza importantes ações como: Administração Participativa, apoiando as ações autogestionárias que envolvem Empreendimentos Econômicos Solidários (EES); Agroindústrias Familiares: Diagnóstico das Políticas Públicas e o Programa de Aquisição de Alimentos da Agricultura Familiar em Tangará da Serra – MT; Capacitação de Lideranças em Ambientes Democráticos: Fórum de Economia Solidária (FOMES/TGA); Utilização e desenvolvimento de ferramentas contábeis para Empreendimentos Econômicos Solidários (EES); Projeto Reciclagem de Computadores junto à Copertan; Realização de orçamento, custos de produção e formação de preço de vendas dos produtos dos Empreendimentos Econômicos Solidários (EES) incubados pela IOCASS e o Projeto de Extensão: Feira de Cooperativismo, Economia Solidária e Agroecologia.

Dentre as atividades consolidadas a seguir destaca-se uma das ações de extensão da IOCASS, o Projeto de Extensão: Feira de Cooperativismo, Economia Solidária e Agroecologia, realizada periodicamente no Campus Eugênio Carlos Stieler-UNEMAT de Tangará da Serra/MT.

3.1 FEIRA DE COOPERATIVISMO, ECONOMIA SOLIDÁRIA E AGROECOLOGIA

O projeto da Feira de Cooperativismo, Economia Solidária e Agroecologia, surge em 2013, com a finalidade de aperfeiçoamento no processo de produção e formação dos trabalhadores sócios dos EES, no sentido de permitir a integração da universidade e aproximação com as realidades das pessoas das comunidades, além de possibilitar espaços comercialização bem como momentos de ação e reflexão junto aos sócios dos EES. O projeto apresenta como objetivo geral realizar duas vezes por mês, em datas previamente definidas com os sócios a Feira de Cooperativismo, Economia Solidária e Agroecologia no *Hall* de Entrada do Campus Eugênio Carlos Stieler-UNEMAT de Tangará da Serra/MT.

Além disso, a IOCASS oportuniza a participação dos EES da Feira nos diversos eventos realizados pela UNEMAT a fim de instrumentalizar os envolvidos para a constituição, implantação, gestão, avaliação e desenvolvimento de Empreendimentos Econômicos Solidários (EES); e ainda capacitar técnicos, professores; estudantes e comunidade externa para o exercício da Economia Solidária e do comércio justo.

No espaço da feira, em forma de circuitos curtos de comercialização envolve a AMFRUVALE, ASSOARTE, ARTETAN e o GRUPO MANDALA VIVA, que além de realizar a comercialização de seus produtos na feira, também expõem em eventos realizados na instituição como: congressos, seminários, simpósios. Atualmente esse espaço tem se configurado numa importante conquista dos sujeitos da Economia Solidária, porque além de comercializar, o espaço serve para divulgar os produtos. Partindo do espaço da universidade a feira se expandiu para outros eventos e também é realizada nas dependências da Prefeitura Municipal de Tangará da Serra/MT (PMTS) duas vezes ao mês, e ao menos uma vez por semestre Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso (ALMT).

Os ESS incubados, periodicamente avaliam seus resultados, bem como os objetivos propostos, assim conseguem perceber que já alcançaram a consolidação dos processos de comercialização, estão em processo de formação de professores, estudantes/bolsistas, técnicos e sócios dos EES; avaliam ainda que devem permanecer na busca da melhoria nos processos de organização, planejamento e diversificação da produção dos EES, bem como a ampliação e aprofundamento de ações organizacionais do Programa IOCASS e da Economia Solidária no Campus e fora dele. Ou seja, para o processo de inovação social que envolve a mudança de realidade, há um processo interorganizacional e intraorganizacional em relação as suas práticas cotidianas. A UNEMAT, desenvolve o processo de formação e auto-formação do envolvidos, sejam eles membros da comunidade interna (professores, técnicos, estagiários, graduandos e pós-graduandos) ou externa (todas as pessoas do ambiente urbano e rural que estão envolvidos nos processos de Empreendimentos Econômicos e Solidários).

É nesses fazeres entre a universidade e comunidade, que iniciam-se os processos de construção de uma cultura de solidariedade. O desenvolvimento da cultura de solidariedade, tem como principais elementos o diálogo e a interação. Para Ferreira et al (2012) a extensão universitária participativa fomenta esses dois elementos. Segundo os autores, a prática da extensão participativa resulta num espaço de autoformação e formação coletiva entre os envolvidos. Como resultado, gera-se a democracia dialógica, a qual é desenvolvida e exercida através da pesquisa-ação. Asseveram que meio desta metodologia comunicacional, tem-se o empoderamento dos membros da comunidade e, também, dos próprios estudantes extensionistas, que passam a ter a teoria e prática a partir da reflexão, vivência e diálogo, rompendo, assim a visão reducionista de intervenção apenas na comunidade, redefinindo-a para outros espaços (universidade, instituições públicas locais, conselhos gestores, associações, empresas e ONGs).

Com este contexto de ação uiversitária e cultura da solidariedade, na sequência apresenta-se o histórico de um dos Empreendimentos Econômicos Solidários (EES) que participam da Feira de Cooperativismo, Economia Solidária e Agroecologia em suas interações, destacando o papel das mulheres neste EES.

3.1.1 Associação de Mulheres Rurais Frutos do Vale – AMFRUVALE : colhendo frutos da solidariedade

A Associação de Mulheres Rurais Frutos do Vale (AMFRUVALE) está localizada na Comunidade Vale do Sol II, município de Tangará da Serra/MT, fica a 19 quilômetros do perímetro urbano. O Assentamento Vale do Sol II foi formado em 2006 pelo Programa Nacional de Crédito Fundiário (PNCF). Trata-se de um programa da Secretaria de Reordenamento Agrário do Ministério do Desenvolvimento Agrário (SRA/MDA) que complementa o Plano Nacional de Reforma Agrária e se constitui em um mecanismo complementar de acesso à terra. Tem como objetivo principal viabilizar o acesso à terra aos agricultores familiares e jovens trabalhadores rurais. Este programa nacional concede financiamentos às famílias rurais para a aquisição de terras, construção da moradia e a implantação de infraestrutura básica nos lotes individuais.

A AMFRUVALE nasceu da reunião de um grupo de 12 mulheres em 11 de abril de 2011, após participarem de um curso de processamento de frutas e vegetais, produção de doces, conservas e compotas. O curso foi ofertado para todas as mulheres da comunidade e se deu após uma parceria da Prefeitura Municipal de Tangará da Serra/MT (PMTS) através da Secretaria Municipal de Agricultura, Pecuária e Abastecimento (SEAPA) e do Núcleo de Políticas para Economia Solidária (NUPES) que através do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR). Após o curso

as mulheres fundaram formalmente a AMFRUVALE. Desde o início a AMFRUVALE conta com o apoio da UNEMAT.

Ainda nessa fase, observa-se a busca de recursos iniciais de qualquer Assentamento rural, ou seja, os elementos como Terra, construção de moradias e implantação de infraestrutura básica, assim como capacitação técnica para o desenvolvimento de geração de trabalho e renda. Porém a cultura do desenvolvimento, estabelece-se no processo de participação, interação, fortalecimento e autonomia dos envolvidos. Para Kliksberg (1998) o desenvolvimento é possível com a participação, por isso a democracia e espaços de diálogos são tão importantes. Para o autor, os benefícios de se adotar desenhos participativos em organizações é que a autoestima da comunidade se levanta e começa a mobilizar potencialidades latentes que irão beneficiar a todos, gerando nova cultura. Esses recursos psicossociais como confiança, participação, sentimento de pertencimento, mutualismo e auto-estima, são muitas vezes desconsiderados nos processos de organização social, no entanto, são fundamentais para o seu desenvolvimento.

A seguir, realiza-se uma resgate das ações e experiências da AMFRUVALE de 2011 a 2020 para uma melhor compreensão do processo de construção dessas novas práticas solidárias. Em 2011 o grupo fez-se representar por 03 (três) mulheres no encontro Mato-Grossense de Economia Solidária. A partir daí o grupo passou a ter o apoio mais forte da UNEMAT por meio do NECOMT e do Grupo de pesquisa GAFA. Mas o processo de incubação passou a ser ofertado em 2013 pelo Programa IOCASS. Ainda em abril de 2013 com o objetivo de ampliar as vendas de seus produtos a AMFRUVALE junto com outros EES passaram a realizar a Feira de Cooperativismo, Economia Solidária e Agroecologia na UNEMAT. Em 2015 a AMFRUVALE, que era uma associação apenas de mulheres passou a aceitar homens como sócio. Em 2015 a AMFRUVALE tinha com 18 (dezoito) sócios, sendo 16 (dezesesseis) mulheres e 02 (dois) homens. Em 2019, a associação já tem 24 sócios, sendo 16 (dezesesseis) mulheres e 08 (dois) homens.

A associação realiza ações e participa de eventos promovidos dentro e fora do município, como: participa da Feira de Cooperativismo, Economia Solidária e Agroecologia do *Campus* Professor Eugênio Carlos Stieler/Universitário de Tangará da Serra/MT desde 2013; participa da Feira de Cooperativismo, Economia Solidária e Agroecologia da Prefeitura Municipal de Tangará da Serra/MT desde 2011; participa ainda de eventos científicos e tecnológicos; participa da Feira Prata da Casa da Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso (ALMT); além de promover a venda direta ao consumidor porta-a-porta ou por encomenda para festas e casamentos de produtos como: doces (de leite; goiaba; mamão; abobora; banana e outras frutas produzidas na comunidade); Conservas de verduras e ovos de codorna e compotas.

Cabe ainda destacar que a AMFRUVALE foi um dos Empreendimentos Econômicos Solidários (EES) fundadores da Rede Fundo Rotativo Solidário Unidos Vivendo em Ação (FRS-UVA), que em junho/2015 ganhou o prêmio I Prêmio de Boas Práticas em Economia Solidária/Prêmio Sandra Magalhães no valor de R\$ 50.000,00 (cinquenta mil reais), financiado pelo do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDS).

É um processo permante de ações e trocas, em 2016, a AMFRUVALE recebeu recursos do Projetos da Cáritas Brasileira/2015, para a aquisição de máquinas e equipamentos. Premiação esta que possibilitou enfrentar algumas dificuldades no início da associação. Atualmente a AMFRUVALE encontra-se na produção em uma maior escala, pois a falta de equipamentos adequados refletia diretamente na qualidade e quantidade de seus produtos, assim é possível perceber a melhoria nos processos da associação. Em 2019, a AMFRUVALE foi contemplada com recursos do Programa IOCASS/UNEMAT via PROEXT/MEC-2015 com a aquisição de um freezer que deverá melhorar a qualidade dos produtos ali produzidos.

Recentemente, a AMFRUVALE pensando no microcrédito e outras formas de acesso aos associados, criou o seu próprio Fundo Rotativo Solidário – FRS, denominado Mulheres Agricultoras Numa Grande Ação – MANGA, e com os recursos da premiação que recebeu da Cáritas Brasileira/2015, em 2019 criou outro fundo, o FRS Frango Caipira para incentivar outra atividade na associação, a criação de frango semi caipira com objetivo de tornar-se fornecedor no município além de buscar a participação no Programa da Alimentação Escolar.

Visando uma maior interação e diálogo entre AMFRUVALE e UNEMAT, inciou-se uma parceria da IOCASS/UNEMAT, a qual possibilita algumas ações importantes, como a visitas técnicas que vem sendo realizadas desde 2017, uma vez por semestre como proposta pedagógica da disciplina de Cooperativismo e associativismo – Curso de Administração/Agronegócio UNEMAT. A visita técnica realizada em maio/2019 teve entre um dos seus objetivos dialogar sobre a possibilidade da construção de um projeto participativo de Turismo de Base Comunitária (TBC)², com vistas a implantação e desenvolvimento do turismo rural. Desse modo, seguindo a proposta de fortalecimento na relação comunidade e universidade, por meio da disciplina realizou-se atividade da visita técnica, na qual os acadêmicos do curso de Administração do período matutino, que puderam conhecer a associação, ouvir o relato de experiência das associadas, conhecer o local onde funciona temporariamente a atual sede da associação. Essa atividade com estudantes de graduação oportuniza

² De acordo com publicação do Ministério do Turismo, BARTHOLO (2009, p. 86) O turismo alternativo de base comunitária busca se contrapor ao turismo massificado, requerendo menor densidade de infraestrutura e serviços e buscando valorizar uma vinculação situada nos ambientes naturais e na cultura de cada lugar. Não se trata, apenas, de percorrer rotas exóticas, diferenciadas daquelas do turismo de massa. Trata-se de um outro modo de visita e hospitalidade, diferenciado em relação ao turismo massificado, ainda que porventura se dirija a um mesmo destino.

também visitar ainda propriedades rurais dos associados e fornecedores de produtos para a associação, e ainda conhecer os planos futuros da AMFRUVALE. Os desafios ainda se apresentam no cotidiano da associação, porém as mulheres têm planejamento traçado para em breve com a auxílio das instituições parcerias, construir a sede própria da associação, com cozinha industrial, planejada e adequada com as exigências legais da vigilância, para ampliar e qualificar ainda mais a produção, mas já começam a colher frutos desse novo processo.

Uma das demandas da AMFRUVALE é a construção de sua sede própria, visto que hoje, as atividades de produção de doces e conservas é realizada num espaço cedido no prédio da Associação dos Produtores Rurais do Vale do Sol II (APROVESOL). Porém, a AMFRUVALE já conseguiu um espaço na área coletiva do Assentamento para construir a sua sede própria. Com apoio da Incubadora da UNEMAT e do Núcleo de Políticas para Economia Solidária (NUPES) através da Prefeitura Municipal de Tangará da Serra-MT, via Secretaria Municipal de Agricultura Pecuária e Abastecimento-SEAPA a AMFRUVALE, no final de 2019, conseguiu a elaboração do Projeto Básico Arquitetônico que elaborado pela Associação Matogrossense de Municípios-AMM. Basicamente o projeto prevê: Orçamento total valor: R\$ 448,638,18; área total do terreno: 1.535,43m²; área total construída: 131,82m²; área total de cobertura: 170,64m² e área total calçada 188,34m².

É possível já identificar o desenvolvimento da cultura da solidariedade por meio da prática da autogestão, a associação tem uma importância muito significativa para este grupo de mulheres, destaca-se a fala de uma das sócias, assentada há 10 anos, mas que resistia em se associar a AMFRUVALE, quando relata:

Eu tava bem depressiva né eu tive que sair daqui, tive que ir para cidade para cuidar da minha irmã que tava com câncer de mama, ela ficou 6 meses em cima de uma cama e ela faleceu. Então eu tava assim já chegando numa depressão, eu chorava de noite, eu não conseguia dormir e depois que eu entrei aqui, nossa foi como uma terapia. Tô bem graças a Deus, hoje muito bem, tô contente com meu serviço, com meu trabalho e gosto muito de ficar aqui com minhas amigas. (Associada 1).

Constata-se assim que, além de compartilhar conhecimento e experiências formais e informais de gestão, da profissão e da vida em sua completude, o exemplo da AMFRUVALE demonstra que a cooperação tende a ser mais potente que a fragmentação. Observa-se, que esses recursos psicossociais como auto estima, pertencimento e a ajuda mútua entre os membros da associação gera um fortalecimento e uma cultura de participação. Desca-se outro relato (Associada 2) que aborda elementos semelhantes ao auxílio recíproco que a UNEMAT disponibiliza para este empreendimento e vários outros no campo da Economia Solidária.

Pra mim a associação é muito importante, é muito importante, é uma maneira da gente continuar socializado, em grupo, interagindo com as ideias, conhecendo mais pessoas, a gente não fica parado [...] É uma maneira que tem ajudado muitas pessoas, de uma maneira ou de outra a gente ajuda, a gente se ajuda. Então pra mim a AMFRUVALE é uma associação tranquila, um pouco compreensível, e através dela que a gente matem amizade, conhecimento. Com a UNEMAT, por exemplo tem me ajudado bastante. Essa associação de mulheres rurais que interage com um grupo grande, de homens também. (Associada 2) Observa-se nessa fala, de maneira explícita os elementos como o mutualismo, a cooperação, a dialogicidade, ou seja, a solidariedade e outros elementos psicossociais que são importantes para o cotidiano das pessoas na perspectiva do desenvolvimento. A ajuda mútua, a amizade, a troca de conhecimento, assim como a interação com o outro, a interação institucional que gera o desenvolvimento das pessoas, a inclusão socioproductiva como destaca-se pela associada 2, quando diz “[...] a gente não fica parado” é uma sensação de tranquilidade, assim como a de importância quando diz “[...] continuar socializando, em grupo, conhecendo mais pessoas”. O que mostra o compromisso a Economia Solidária e da autogestão com o desenvolvimento integral de ser humano, conforme enuncia Pistrak (2002).

O ambiente micro, como da AMFRUVARE, aponta para o fomento da cultura da solidariedade, aquela que é basilar para o desenvolvimento incluyente e com justiça social. Em especial, a relação Universidade e AMFRUVALE para o fortalecimento das pessoas envolvidas, gerando diversos recursos psicossociais. Para Boisé (1996) ao se discutir desenvolvimento em nível micro, o autor aborda a importância de diversos recursos, sendo descrito como quatro categorias de recursos que interessam ao desenvolvimento. Para o autor há os tradicionais recursos materiais (recursos naturais, equipamento de infra-estrutura e recursos de capital); em segundo lugar, os recursos humanos, não apenas em quantidade, mas sobretudo em relação à qualidade, vinculação regional e contemporaneidade; em terceiro lugar, os recursos psicossociais, os que destacamos nesse trabalho, pois estes adquirem importância cada vez maior para viver em sociedade e são associados a questões como a autoconfiança coletiva, a vontade coletiva, a perseverança, o consenso, etc., visivelmente presentes em muitas localidades; em quarto lugar, os recursos de conhecimento, elemento fundamental para o desenvolvimento no século XXI na sociedade do conhecimento. A interação relatada aqui demonstra o desenvolvimento de todos esses recursos necessários para o fortalecimento e desenvolvimento da Associação.

Esses elementos encontrados, são consubstanciados na abordagem do desenvolvimento, assim como nas discussões de Boisier (1996) acerca dos fatores do desenvolvimento e a cultura do desenvolvimento, a qual podem se manifestar, segundo o autor, por duas maneiras extremas: em alguns lugares prevalece uma cultura competitiva/individualista, capaz de gerar crescimento, mas sem capacidade de gerar um verdadeiro desenvolvimento. Em outros lugares, há o predomínio de uma cultura cooperativa/solidária, capaz de gerar equidade sem crescimento. É importante descobrir a forma em que ambos os padrões culturais estejam combinando, buscando articulações e conhecimento, assim como recursos, para que o desenvolvimento da cultura da solidariedade se fortaleça.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alguns aprendizados dessa experiência da UNEMAT com a comunidade do entorno da AMFRUVALE, é que os EES têm melhores condições de sucesso, quando são desenvolvidos nos espaços locais, aonde há um tecido social, de confiança e de relações fraternas. Nas áreas rurais e nas cidades em que existem atividades comunitárias, elas têm ambiência favorável para o seu desenvolvimento. A colaboração das autoridades locais no fornecimento de espaços e estruturas legais contribuem para as atividades comunitárias e a soma dessas ações geram uma nova cultura no local.

As experiências de EES requerem condições para o seu desenvolvimento, um contexto legal adequado que contribui com políticas públicas e alocação de recursos financeiros, técnicos e humanos. É o caso da experiência da Feira de Cooperativismo, Economia Solidária e Agroecológica de Tangará da Serra/MT, onde a Universidade oferece apoio, treinamento, acompanhamento e espaço para a comercialização.

Diante do conteúdo apresentado é possível perceber que a autogestão é uma das formas do empreendimento se desenvolver de forma sustentável, em especial aqueles que trabalham com base na Economia Solidária. O exercício, a experiência a busca da autogestão potencializa e fomenta uma cultura de solidariedade que contrapõe ao atual modelo de mau desenvolvimento.

Ao debruçarmos sobre o tema desenvolvimento, cultura de solidariedade por meio de práticas de autogestão em um país com tantas patologias sociais, queríamos destacar que a interação universidade e comunidade do entorno, podem desenvolver nova cultura como apresentado nas práticas da AMFRUVALE, demonstrando novas forma de organização e como as associadas conseguiram gerir a si próprias e seu trabalho de modo democrático e sustentável, conforme descrito no decorrer do texto.

Isso em virtude de que ao mesmo tempo em que o suporte profissional da Universidade é voltado para a sociedade, a mesma sociedade amplia os horizontes da atuação os agentes envolvidos e constituem uma rede melhor capacitada para o enfrentamento dos padrões de relacionamento, aprendizagem, assessoramento, produção, comercialização e sustentabilidade tanto econômica quanto educacional e social.

O modelo posto não fomenta o desenvolvimento endógeno, no entanto a dimensão cultural pode potencializar um novo conjunto de praticas, de símbolos e de valores que rompem os desafios a serem enfrentados, essas mulheres da AMFRUVALE, a exemplo de vários outros membros de associações e cooperativas, são capazes de se constituir e produzir saberes específicos que são reconhecidos e possuem valor agregado. O pontapé inicial dessas auto-organizações carece de apoio, principalmente de profissionais técnicos como os ofertados pela UNEMAT, mas isso apenas não

basta. É imprescindível que as políticas públicas abram espaço e condições para a subsistência desses empreendimentos. E para isso também é que a parceria Universidade e comunidade somam forças trabalhando em conjunto, fomentando a cultura da solidariedade em seus fazeres. Por fim, a experiência relatada, vai ao encontro das discussões de Boisier (1996) ao destacar que se desejamos uma sociedade justa, precisamos estar atentos sobre que forma de desenvolvimento estamos praticando, assim como considerando sempre, os recursos psicossociais que estamos fomentando localmente.

O processo de incubação em Empreendimentos Econômicos Solidários (EES) pela lógica da Economia Solidária, do cooperativismo, e da autogestão não pode ficar restrito aos EES. É um processo que precisa na sua práxis, também refletir a universidade e igualmente a sociedade. Ao estudar as experiências de autogestão, elas necessariamente nos remetem a autocrítica.

REFERÊNCIAS

- BARTHOLO, R. SANSOLO, D. G.; BURSZTYN, I. **Turismo de base comunitária**. Letra e Imagem, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://periodicos.unemat.br/index.php/rceu/article/view/1136/1298>>. Acesso em: 04 de jul. de 2019.
- BOISIER, S. “Y si el desarrollo fuese una emergencia sistémica?”. In: Redes, Santa Cruz do Sul, v.8, n.1, p. 9-42, jan./abr. 2003.
- BOISIER, S. Desarrollo (Local): ¿De qué estamos hablando? Cuadernos Regionales n.1, Santiago de Chile, Universidad de Talca, 2001.
- BOISIER, S. Em busca do esquivo desenvolvimento regional: entre a caixa-preta e o projeto político. Planejamento e Políticas Públicas, n.13, p. 111-143, jun. 1996.
- BOISIER, S. Sinergia e innovación local. Semestre Económico, v. 12, n.24, p. 21-35, Medellín, Colômbia, oct. 2009.
- FARIA, M. S. Autogestão, cooperativa, economia solidária: avatares do trabalho e do capital. 2005. Tese (Doutorado em Sociologia) — Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- FERREIRA, R, M. SILVA, F.ZANATTA, R. Da dialogicidade entre universidade e comunidade: um estudo de caso da extensão universitária a partir do exercício da democracia dialógica na pesquisa-ação. **Caderno Gestão social**. V.3, n.1, p.53-68, jan/jun- 2012.
- GADOTTI, M. **A questão da educação formal/não formal**. In: INSTITUTTO INTERNATIONAL DES DROITS DE L’ENFANT (IDE). *Droit à l’éducation: solution à tous les problèmes ou problème sans solution? Sion (Suisse)*, 18 a 22 de outubro.2005. Disponível em: <https://docplayer.com.br/5445484-A-questao-da-educacao-formal-nao-formal.html>>. Acesso em 04 de jul.de 2019.

GÓMEZ, M. G. O. ¿ Neoliberalismo autogestivo? La cultura de autogestión para el desarrollo como una herramienta analítica. PARA UN ANÁLISIS CRÍTICO DEL CONCEPTO DE POSCOLONIALIDAD, p. 416, 2013

KLIKSBERG, B. **Repensando o Estado para o Desenvolvimento Social:** superando dogmas e convencionalismos. São Paulo: Cortez Editora, 1998.

MOTHÉ, D. *Autogestão*. In: CATTANI, Antonio D. Et al. (orgs): **Dicionário Internacional da Outra Economia**. Almedina/CES: Coimbra, 2009.

PISTRAK, M. **Fundamentos da escola do trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2002.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **Relatório do Desenvolvimento Humano. Sustentar o progresso humano: Reduzir as vulnerabilidades e reforçar a resiliência**. 2014.

REIS, E. P. Desigualdade e Solidariedade: uma releitura do “familiarismo amoral” de Banfiel. In; **Processo e escolhas**; estudos da sociologia política. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, thioll 1998.

SACHS, I. Desenvolvimento e cultura. Desenvolvimento da cultura. Cultura do desenvolvimento. Organizações & Sociedade, v.12, n.33, p. 151-165, abr./jun. 2005.

SAMPAIO, C. A. C. **Gestão que privilegia uma outra economia: ecossocioeconomia das organizações**. Blumenau: EDIFURB, 145, p. 2010

SGUAREZI, S. B. **Epistemologias do sul:** interfaces entre autogestão, *transconhecimento transustentabilidade*. XXIX ALAS-CHILE – 2013 – XXIX CONGRESO LATINOAMERICANO DE SOCIOLOGÍA - Grupo de Trabajo N°18. Santiago do Chile. De 29 de set. a 4 out. 2013.

SGUAREZI, S. B.; LIMA, E. R. De.; SGUAREZI, T.T. A atuação da universidade no desenvolvimento do trabalho coletivo associativista e da produção científica. Revista Cult. Ext. Unemat (Univ. do Estado de Mato Grosso), Vol. 1, Ano 1, N°. 1, p. 36-47, jan./jun. 2016.

SIMÕES DE ARRUDA, C. Al.; VILANOVA, S. R. F. e CHICHORRO, J. F. Turismo rural e agricultura familiar: o caso de Nossa Senhora do Livramento-MT. Interações (Campo Grande) vol.9 no.2 Campo Grande July/Dec. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-70122008000200004

SINGER, P. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

THIOLLENT, M. **Metodologia de pesquisa ação**. 7a ed. São Paulo: Cortez Editora, 2005.